

Apresentação

Introduction

Edjalma Nepomoceno Pina

A cultura visual ocupa um lugar privilegiado no amplo sistema de comunicação humano, servindo como uma forma de expressão tão rica e complexa quanto a linguagem verbal, pois, de forma análoga, as representações imagéticas transmitem temas, valores e mitos. No Mundo Antigo, a iconografia estava frequentemente exposta a uma audiência mal alfabetizada de espectadores, muitas vezes assumindo uma função primordial em disseminar a identidade cultural vigente (Elsner, 1998, p. 5). Ao contrário do que era costumeiramente praticado pela historiografia do século XIX, quando a História se voltava quase que exclusivamente para o estudo de fontes textuais, hoje vemos cada vez mais o interesse de historiadores em explorar as possibilidades de interpretação do passado a partir da consulta de moedas, estátuas, mosaicos, pinturas, vestimentas e adereços que atuaram, em seus respectivos contextos, como formas de comunicação visual (Burke, 2017, p. 27). Nota-se que essa modalidade de documentação pode assumir naturezas diversas, que, porém, possuem em comum o fato de serem, em sua maioria, resgatadas pelo esforço da Arqueologia. Desde a segunda metade do século XX, a Arqueologia revitalizou-se sob influência da Antropologia e passou a dar atenção aos registros materiais antes marginalizados, pois não eram considerados de valor histórico, e, no caso das imagens, não eram considerados “arte”, a exemplo dos grafites (Martins, 2018, p. 11-18).

Muito mais do que simplesmente ilustrar o que as fontes textuais afirmam, a cultura visual possibilita uma variedade de investigações e problemas de pesquisa. Ainda que, ao olhar contemporâneo, pareça mais simples decodificar imagens do que manuscritos em grego ou latim, sua abordagem, na verdade, é tão ou mais desafiadora. Afinal, a linguagem visual das sociedades antigas estava ancorada em uma complexa rede de referências religiosas, filosóficas, retóricas e políticas. Desse modo, para evitar cair em anacronismos, a análise da iconografia requer um rigor historiográfico que vá além dos elementos visuais em si, mas leve em consideração o contexto histórico, cultural e social em que as fontes em questão foram produzidas, além de sua transmissão e recepção até os dias atuais. Este último ponto pode suscitar um cuidado ainda maior, pois, ao serem apropriadas pelo conceito moderno de arte, em especial após o Renascimento, muitas

peças antigas elevaram-se em importância cultural e política no contexto moderno. Como exemplificado pela Vênus de Milo, cuja origem helenística foi ignorada na tentativa de situá-la no Período Clássico, o passado de uma estátua pode ser falseado para adequá-la às expectativas da época (Kousser, 2005). Isso sem mencionar as restaurações de peças quebradas que foram reconstruídas sem critério algum ao longo do século XIX, período no qual o aspecto estético foi tido como principal parâmetro (Neri; Baratte; Béjaoui, 2020).

Quanto às múltiplas abordagens históricas possíveis para o estudo da cultura visual, há dois caminhos que podem ser destacados. Por um lado, podemos nos ater a propostas como a de Mitchell (2005, p. 33-34), segundo a qual é mais produtivo buscar compreender as intenções do produtor de uma imagem ou monumento do que seu impacto social em sua época, afinal, seria “improdutivo” para nós estabelecer como os indivíduos do passado perceberam certas obras. Por outro lado, Elsner (1997) propõe uma operação contrária, pois, segundo o autor, ao combinar as fontes textuais às fontes visuais é possível sim resgatar aspectos da recepção de algumas representações imagéticas. Neste caso, o desafio é situar precisamente o sujeito que observa a peça, afinal, uma mesma imagem poderia assumir sentidos distintos dependendo do *status* social do observador, seu sexo, sua religião entre outras variáveis. Por exemplo, os animais marinhos que adornam os mosaicos da Casa do Fauno, em Pompeia, poderiam evocar, aos cidadãos dessa cidade, tanto uma associação com o mar quanto com os alimentos que eram consumidos nos banquetes da *domus*. Contudo, caso confrontado com a mesma imagem, um cristão primitivo poderia ver não a imagem de um peixe real, mas um símbolo do sistema religioso do cristianismo primitivo. Afinal, na catacumba de Calisto, em Roma, há duas imagens, cada uma representando um peixe com uma cesta de pães. Esses afrescos, em seu contexto funerário cristão, evocam claras referências religiosas, como o milagre da multiplicação dos pães e peixes.

Seja mirando a mensagem do autor ou preferindo investigar a forma como ela foi recebida pelo observador, é essencial manter o foco nos processos históricos subjacentes à questão da linguagem visual. A disciplina da História, ao analisar as interações sociais, políticas, culturais e religiosas do passado, demanda a consideração dessas variáveis para a compreensão da iconografia antiga, sem se limitar a uma interpretação superficial das imagens. Nesse contexto, é crucial ressaltar que a cultura visual não exprime a realidade de forma direta, mesmo quando aparenta fazê-lo; ao contrário, as representações visuais são construídas com base nos interesses dos grupos que as produzem. Como delineou Chartier (1990, p. 17) ao frisar o caráter político do conceito de representação, as visões de mundo de determinado grupo social permeiam suas expressões discursivas, literárias

e artísticas, as quais, por sua vez, estão intrinsecamente ligadas ao poder e à política, ao reforçarem identidades, posições de poder e a estrutura social vigente.

Diante do exposto, este dossiê de *Romanitas - Revista de Estudos Grecolatinos*, congrega discussões em torno da linguagem visual nas sociedades clássicas e pós-clássicas. A partir de uma perspectiva interdisciplinar, os autores aqui reunidos se propuseram a demonstrar a pujança da documentação visual para a compreensão das relações políticas, econômicas, religiosas e sociais na Antiguidade.

Dito isso, desejamos a todos uma leitura produtiva.

Referências

- BURKE, P. *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- CHARTIER, R. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1990.
- ELSNER, J. *Art and the Roman viewer: the transformation of art from the pagan world to Christianity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- ELSNER, J. *Imperial Rome and Christian triumph: the art of the Roman Empire AD 100-450*. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- KOUSSER, R. Creating the past: the Vénus de Milo and the Hellenistic reception of classical Greece. *American Journal of Archaeology*, n. 109, p. 227-250, 2005.
- MARTINS, M. Espaços, usos e sociabilidades na cidade antiga: contributos e limites da Arqueologia. In: SILVA, G. V.; SILVA, E. C. M.; LIMA NETO, B. M. (org.). *Usos do espaço no Mundo Antigo*. Vitória: GM, 2018, p. 11-36.
- MITCHELL, W. J. T. *What do pictures want?* Chicago: Chicago University Press, 2005.
- NERI, E.; BARATTE, F.; BÉJAOUÏ, F. Gilded roman portraits from the odeon at Carthage. *Anais... 10th Round Table on Polychromy in Ancient Sculpture and Architecture*. Berlin: Deutsches Archaeologische Institut, 2020.